



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14466 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

MODOS DE APRONTAR: INTELECTUAIS NEGRAS E O CAMPO DO CURRÍCULO

Iris Verena Santos de Oliveira - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: Agência de Inovação/UNEB

MODOS DE APRONTAR: INTELECTUAIS NEGRAS E O CAMPO DO CURRÍCULO

Resumo:

O texto apresenta os resultados do projeto de pesquisa “Combinamos de “escrever”! Formação de professores, currículo e narrativas negras” que propõe a racialização dos modos de fazer pesquisa em educação, a partir da produção de intelectuais negras para articular noções de currículo, tempo e corpo. Na perspectiva pós-colonial, o texto questiona a relação entre currículo/conhecimento e problematiza a noção de consciência racial, nos estudos para educação para as relações raciais. (OLIVEIRA, 2019; MACEDO, 2017) As noções de “sujeito transparente” (FERREIRA DA SILVA, 2022), “escrevivências” (EVARISTO, 2020) e tempo (MARTINS, 2021) são mobilizadas na proposição de modos de aprontar pesquisa em currículo, tomando como referência a produção acadêmica de Denise Ferreira da Silva, Lêda Martins e Conceição Evaristo. O exercício de pesquisa permitiu a construção de produtos para divulgação científica de práticas de educação antirracista, ao tempo em produziu questionamentos sobre as relações entre epistemicídio e genocídio, bem como que é humano para a polícia e para o campo do currículo.

Palavras-chave: escrevivências; mulheres negras; metodologia.

Modos de aprontar

O texto apresenta resultados do projeto de pesquisa “Combinamos de “escrever”! Formação de professores, currículo e narrativas negras”, desenvolvido entre 2020 e 2022, que propôs a racialização dos modos de fazer pesquisa em educação, com base na produção de intelectuais negras, ao articular noções de currículo, tempo e corpo.

A pesquisa teve como motivação a demanda apresentada por docentes e gestoras

daquela unidade escolar, por conta do elevado índice de assassinato de jovens negros; alunos e egressos. Diante disso, o objetivo era tratar sobre questões curriculares, aliadas ao debate racial, a partir do conceito de escrevivências, cunhado pela escritora Conceição Evaristo. As atividades estavam previstas para acontecer presencialmente, em março de 2020, com a pandemia a formação ganhou uma dimensão interestadual e realizou-se com mediação tecnológica, a partir da “Rede Combinamos de Escrever”, formada por profissionais da educação de inúmeros municípios. Em comum, as professoras – que serão referidas no feminino, já que constituíam a esmagadora maioria do grupo – carregavam dores por situações de racismo sofridas na trajetória de formação e buscavam estratégias para atuar com educação antirracista. O genocídio de estudantes negros não era uma realidade estranha, mesmo nas escolas localizadas em pequenos municípios, as narrativas sobre as perdas de estudantes eram bastante semelhantes.

Nesse sentido, o termo “aprontar” foi lançado nas reuniões da “Rede” e do grupo de pesquisa, a partir da memória afetiva relacionada a infância, como “aprontações”, travessuras de criança; ao tempo em que o termo também remetia a cozinha e aos dizeres das mais velhas, quando anunciavam que iriam “aprontar” o feijão, “aprontar o almoço”. Por isso, o verbo aprontar é assumido como modo de fazer pesquisa e, ao longo do texto, argumento sobre a importância de dialogar com as intelectuais supracitadas, que sinalizam para história sem tempo, o “sujeito transparente” e a escrevivência; conceitos tomados pelo seu potencial epistêmico e metodológico.

O texto tem o objetivo de colocar em diálogo a experiência de formação docente vivenciada na pandemia, com o foco nos modos de aprontar que emergiram ao acionar intelectuais negras, como principais referências na pesquisa. Diferente do que costuma indicar a bibliografia do campo do currículo e da educação para as relações étnico-raciais, a raça não aparece aqui como uma temática a ser articulada ao debate de uma área ou campo. Entendemos com Denise Ferreira da Silva que, a violência racial é constitutiva da modernidade, portanto, é dessa perspectiva que interessa pensar em modos de fazer pesquisa em currículo.

Evaristo, Lêda e Denise: como elas aprontam?

Ao colocar em diálogo a poética negra feminista (FERREIRA DA SILVA, 2022b) com a escrevivência de Conceição Evaristo, a noção de escrita de nós estabelece a luta política contra o racismo, sem recolocar o sujeito na centralidade da narrativa. (EVARISTO, 2020) O que interessa é tratar do evento racial em educação, partindo da premissa que “a raça não explica o racismo” (FERREIRA DA SILVA, 2022b). Nessa linha, a discussão sobre educação antirracista, a partir das noções de racionalidade e historicidade que fundamentam a construção do “eu transparente”, como homem branco e europeu, seria um contrassenso.

Ao defender as escrevivências como “modos de aprontar” pesquisa em educação, trago para o diálogo Beatriz Nascimento, que diz: “Sinto-me sempre escrevendo de mim, mas esse ‘mim’ contém muitos outros”. (2023, p.96) Leio esses outros, como os “outros afetáveis de fora da Europa”, que no limiar da sua atuação como (não)sujeitos são os corpos que tombam e não são dignos de luto. São esses outros que acionam essa ausência/presença na escrita de nós de Evaristo. Não se trata de recuperar o sujeito consciente de si, presente na produção ocidental desde Descartes, com o seu “Penso, logo existo”, questionado por Nietzsche, Derrida e tantos outros. É como “outras afetáveis” que mobilizamos a escrevivência. É do lugar em que a humanidade nos é questionada, que produzimos narrativas em que vaza a diferença, pois não é possível fugir do arcabouço da linguagem que

nos constitui.

Esse “nós”, não se refere ao um grupo monolítico. É justamente contra esse processo de desumanização, que nos aproxima da natureza e com isso nos concebe sem princípio da autodeterminação, que ocorre a luta política. Ao nos relegar a condição de desprovidas de autoconsciência, em oposição ao “eu transparente” (FERREIRA DA SILVA, 2022), que as leis não são cumpridas, que as barbaridades acontecem, são reproduzidas na TV e assistidas pela população, como entretenimento na hora do almoço. É desse lugar, com esses corpos que não provocam repulsa, raiva e luta por justiça quando tombam, que escrevemos, como não-sujeitos, rasurando as fronteiras entre realidade e ficção, reivindicando uma “história sem tempo” (FERREIRA DA SILVA, 2022) para educação antirracista, a partir de princípios onto-epistêmicos que fogem ao estabelecido nos manuais acadêmicos.

Ao definir a escrevivência como escrita de nós, vivências de mulheres negras, Conceição Evaristo atenta para o papel da linguagem em nossa constituição, ao tempo em que destaca o papel do registro escrito das nossas narrativas, na disputa política por existências poéticas, elaborando outros cenários possíveis. É a partir desses cenários que nos interessa disputar currículos no ambiente escolar. Não se trata, portanto, da inclusão de conteúdos, datas ou novas heroínas nacionais. As escrevivências nos conduzem a outro ponto de partida, que não separa os corpos da produção do conhecimento, apresentando repetições, permanências e questionando o véu da transparência.

Na esteira dessa discussão sobre linguagem e estética, Leda Maria Martins nos provoca com as poéticas do corpo-tela, que carrega cheiros, sopro e sensações. Ela se refere à “linguagem constituída pelo corpo em performance, corpo vivo, em si mesmo” (2021, p. 22) e ao fazê-lo atualiza a concepção de palavra como “sopro, hálito, dicção, acontecimento, performance, índice de sabedoria” (p. 93), atribuindo a palavra oral o poder de articula “fertilizando o parentesco entre os presentes, os antepassados e as divindades” (p.94). Acionar as escrevivências na pesquisa, significa aguçar os sentidos, mobilizar palavras que apresentam cheiros, sons e arrepios na pele, produzindo um conhecimento que atravessa nossos corpos afetáveis, ao invés de abandoná-los no portão da escola.

Racializar a pesquisa em currículo

Os diálogos produzidos na “Rede Combinamos de Escrever” indicaram a necessidade de buscar modos de fazer pesquisa, coerentes com os debates sobre formação docente e educação antirracista realizadas pelo grupo. A aproximação com o arcabouço produzido por Lêda Martins e Denise Ferreira da Silva ocorreu pelo questionamento sobre o pensamento moderno e pela recusa à linearidade da história, como conhecemos. Leda movimenta a noção de tempo, espaço para tratar das imprevisibilidades da pesquisa, fazendo uma analogia com a dança, que “tem um centro, que não é constante. Em uma direção que não pode ser prevista, numa altura que nem sempre é mensurável e por um tempo que não pode ser previsto.” (MARTINS, 2019, p. 51) No pensamento de autoras como Saidiya Hartman e Beatriz Nascimento, a história sem tempo defendida por Denise, se materializa em frases como “somos contemporâneas das mortas” (HARTMAN, 2021) e “A senzala ainda está presente” (NASCIMENTO, 2021, p.44), ambas indicam continuidades que não se explicam com a noção de história progressiva.

No âmbito do projeto realizado, aprontar pesquisa no campo do currículo em uma história sem tempo significou assumir a imprevisibilidade das práticas curriculares e a impossibilidade de controle, a partir de supostas bases comuns. Ao aprontar tomei a aula

como um momento de encontro, acontecimento único, imbuído de propósitos de formação, e ao mesmo tempo, sem garantias sobre a forma como vão afetar as pessoas envolvidas. Trata-se de tomar os corpos presentes no ambiente da escola, a partir de suas narrativas, rodopios e marcas, sem os quais não haveria a possibilidade do encontro.

Fazer pesquisa a partir das proposições de intelectuais negras citadas é subverter a construção de uma teoria curricular pautada pelo sujeito transparente, - “justamente o efeito inescapável provocado pela versão da universalidade articulada pela razão científica” - (FERREIRA DA SILVA, 2022, p. 445) recusando a outrificação temática, que reserva o “cantinho da diversidade”, para o debate racial na área de educação. (OLIVEIRA, 2020) Autoras como Lêda Martins permitem estabelecer a relação entre tempo e corpo, entendendo que “a linguagem constituída pelo corpo em performance, pelo corpo vivo que, em si mesmo, estabelece e apresenta uma noção cósmica, ontológica, teórica...” (MARTINS, 2021, p.22) Isso significa produzir pesquisas tomando o tempo em sua dimensão epistemológica, entendendo-o como “local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto”. (MARTINS, 2021, p.22)

Racializar a pesquisa em currículo, envolveu o reconhecimento de que a relação entre educação e relações raciais no Brasil é lastreada na matriz sociológica “da exclusão que sempre-já presume a branquitude como significante de transparência”. (FERREIRA DA SILVA, 2022, p. 384) Identificar a transparência como um dos referenciais da ciência moderna e dos estudos na área, abriu brechas para modos de aprontar pesquisa em que o currículo foi tomado em sua dimensão corporal e temporal. Por um lado, o pensamento de Denise me permitiu ler a teoria curricular, que em sua transparência produz a subjugação racial, como um efeito da analítica da racialidade. (FERREIRA DA SILVA, 2022) Por outro lado, foi possível questionar as/os pesquisadoras/es da educação para relações raciais, que associam a inserção de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas à promoção da “consciência racial”, pensamento que a autora refuta, ao dizer que “a ‘consciência racial’ da qual os atuais estudantes da política racial brasileira sentem falta, não está disponível”, isto porque “ela presume um outro excluído, um outro que não foi engolfado pela narrativa de um sujeito particular da poesis transcendental, um outro capaz de tornar-se[*be/come*] um sujeito da poesis racial.” (FERREIRA DA SILVA, 2022, p. 433)

A convocação de intelectuais negras para propor modos de aprontar a pesquisa racializada em currículo, envolve o questionamento de princípios para produção da ciência moderna, como a linearidade, ao tempo em que abala a concepção de currículo que envolve a compreensão de conhecimento como promotor de consciência racial.

Considerações Finais: Escrevivências Curriculares

Nas conversas que ocorreram no processo formativo na “Rede Combinamos de Escrever” era comum a referência a exploração de pessoas negras como um aspecto do passado, a despeito do noticiário nacional tratar cotidianamente de chacinas e desrespeito aos direitos ditos humanos, desafiando a concepção de tempo linear e progressivo. Por isso, as produções de intelectuais negras foram acionadas, provocando outras leituras de tempo, corpo e rasurando os limites entre realidade e ficção.

Além da elaboração de um podcast e um e-book, com acesso gratuito, que destacam a atuação de docentes na luta antirracista, a produção acadêmica apresentou a necessidade de estimular outros modos de fazer pesquisa em educação, ou seja, a questão posta pelas professoras à universidade foi a respeito de uma produção epistemológica, que ponha em

xeque o binarismo entre “eu transparente” e outro, evidenciando a relação entre epistemicídio e genocídio da população negra.

Ao finalizar as ações de pesquisa com a “Rede Combinamos de Escrever”, seguimos questionando quem são os humanos para a polícia e para o campo do currículo. Nesse sentido, identificamos a impossibilidade de formar uma “consciência racial”, expressão recorrente no campo da educação para as relações raciais, ao tempo em que identificamos a superficialidade do debate curricular, quando se refere a educação antirracista a partir da inclusão/substituição de conteúdos. As escrituras conduziram para navegação em águas profundas, que evocamos para rachar os muros da escola e da caixinha metodológica na academia, propondo outras formas de aprontar pesquisas no campo do currículo.

Referências

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância L; NUNES, Isabella R. *Escrivência: a escrita de nós*. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FERREIRA DA SILVA, Denise. *Homo Modernus*. Para uma ideia global de raça. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

MARTINS, Lêda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MACEDO, Elizabeth. Mas a escola não tem que ensinar? Conhecimento, reconhecimento e alteridade na teoria do currículo. *Currículo sem Fronteiras*, v. 17, n. 3, p. 539-54, set./dez. 2017.

NASCIMENTO, Beatriz. RATTI, Alex (Org) *Uma história feita por mãos negras*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

OLIVEIRA, Iris Verena. Isso é batom para vir à escola? - Disputas estético-metodológicas nos pátios do currículo. *Revista e-Currículo*, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 1523-44, out./dez. 2019.

OLIVEIRA, Iris Verena. Tem dendê na Base? Vidas negras e o Currículo Bahia. *Série-Estudos*, Campo Grande, MS, v. 25, n. 55, p. 181-202, set./dez. 2020